

AFETIVIDADE E PROCESSO EDUCATIVO: FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

AFFECTIVITY AND THE EDUCATIONAL PROCESS: FOUNDATIONS AND PERSPECTIVES FOR BASIC EDUCATION

Ágatha de Freitas Sando¹
Michele Varotto Machado²

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo identificar se há a discussão sobre a afetividade nas produções bibliográficas mais recentes sobre a Educação Básica, e se sim, quais seriam esses conceitos. Caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa descritiva, com foco na análise e interpretação de dados teóricos, utilizando como fontes artigos selecionados no Portal de Periódicos da CAPES no recorte temporal de 2019 a 2024. Para tanto, foram selecionados 30 artigos, cujos dados foram analisados mediante leitura integral e crítica, sendo posteriormente categorizados e discutidos conforme as etapas de ensino que compõem a Educação Básica. A análise da produção recente demonstrou que, embora a discussão sobre afetividade seja mais enfatizada na Educação Infantil, sua relevância se estende por todas as etapas de ensino, transformando-se em respeito, diálogo e confiança. Concluiu-se que a dimensão afetiva é apresentada como estrutura de uma aprendizagem significativa e duradoura, sendo a humanização do processo educativo um pressuposto para o reconhecimento e a valorização da afetividade em todas as etapas da formação humana.

Palavras-chave: Afetividade; Processo de Ensino-Aprendizagem; Educação Básica.

ABSTRACT: The present study aims to identify whether there is a discussion of affectivity in the most recent bibliographic productions on Basic Education and, if so, which concepts are addressed. It was characterized as a qualitative, descriptive bibliographic study, focused on the analysis and interpretation of theoretical data, using as sources articles selected from the CAPES Periodicals Portal within the time frame of 2019 to 2024. To this end, 30 articles were selected, whose data were analyzed through full and critical reading and subsequently categorized and discussed according to the educational stages that comprise Basic Education. The analysis of recent production showed that, although the discussion on affectivity is more emphasized in Early Childhood Education, its relevance extends across all educational stages, taking the form of respect, dialogue, and trust. It was concluded that the affective dimension is presented as the foundation of meaningful and lasting learning, and that the humanization of the educational process is a prerequisite for recognizing and valuing affectivity at all stages of human development.

Keywords: Affectivity; Teaching-Learning Process; Basic Education.

¹Ágatha de Freitas Sando, Graduada em pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos, mariagrs@estudante.ufscar.br

²Michele Varotto Machado, Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, michele.varotto@ufscar.br

1. INTRODUÇÃO

A educação é um processo complexo e multifacetado, composto por múltiplos fatores indispensáveis ao desenvolvimento humano e à construção do conhecimento. Para que o ensino e a aprendizagem se efetivem em sua essência, a presença de certos elementos é determinante. Nesse contexto, a afetividade se manifesta como um componente de grande relevância, capaz de potencializar e fortalecer o propósito final, que é a própria educação.

A escolha deste tema sustenta-se na convicção de que a afetividade se constitui como um instrumento pedagógico essencial, capaz de transformar o ambiente educacional, potencializar o processo de ensino-aprendizagem e fortalecer as relações existentes nesse processo.

O interesse em investigar a afetividade aplicada à educação surgiu de vivências que evidenciaram o impacto das relações humanas no processo educativo, nas quais vínculos positivos entre professores e alunos mostraram-se determinantes para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e propício à aprendizagem. Essas experiências despertaram o desejo de compreender, sob uma perspectiva teórica e reflexiva, como as dimensões emocionais influenciam o desenvolvimento cognitivo e social dos estudantes, a forma como se relacionam com o processo educativo e os seus agentes.

Dessa maneira, estudar a afetividade torna-se não apenas um interesse acadêmico, mas também um compromisso pessoal com uma educação mais humanizada, que reconhece no afeto uma via fundamental e necessária para o desenvolvimento integral do aluno.

Este estudo caracteriza-se como um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com o título “A Afetividade No Processo Educativo Da Educação Básica: Uma Revisão Bibliográfica”, desenvolvido durante dois anos. Com o objetivo de analisar, na literatura especializada, os efeitos da afetividade na educação básica, a fim de compreender sua importância nos processos educacionais e em suas interações. Assim, o TCC buscou compreender como as discussões e conceitos sobre a afetividade são incorporados nos estudos a respeito das práticas pedagógicas no interior da Educação Básica e quais seriam seus efeitos para o processo de ensino-aprendizagem.

Parte-se da compreensão, desta forma, de que a afetividade não é um tema novo no debate pedagógico. Ao contrário, um olhar sobre a produção acadêmica revela que essa é uma discussão antiga e persistente, em que sua importância transcende os muros da escola, despertando um interesse genuíno em áreas como a psicologia, as ciências sociais e até mesmo a medicina. A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos lembra deste compromisso:

A BNCC e os currículos se identificam na comunhão de princípios e valores que [...] orientam a LDB e as DCN. Dessa maneira, reconhecem que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica. (Brasil, 2017, p. 16)

Fator este que demonstra que essa discussão entre afetividade e educação se faz presente nos Documentos oficiais, mesmo que ainda de forma tímida, mas que já dá indícios da contribuição do vínculo afetivo no processo educativo.

Ademais, Vygotsky (2000, p.146) escreve que:

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial.

Enquanto que Wallon (2007), enfatiza que:

A afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se às emoções um papel primordial na formação da vida psíquica, um elo entre o social e o orgânico. (Wallon, 2007, p.73).

Elementos que nos ajudam a compreender que a afetividade está associada aos aspectos educativos, de modo a auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que pode estimular o interesse do aluno, ajudar a se desenvolver emocionalmente e a lidar melhor com os desafios que o ambiente escolar apresenta.

A partir dessas discussões, o presente artigo se estrutura como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa descritiva, com foco na análise e interpretação de dados teóricos, utilizando como instrumentos fontes bibliográficas. Para isso, tem como objetivo: identificar se há a discussão sobre a afetividade nas produções bibliográficas mais recentes sobre a Educação Básica, e se sim, quais seriam esses conceitos.

Com base nessa discussão inicial, o presente artigo se organiza de modo a fundamentar os conceitos e perspectivas teóricas que relacionam a afetividade ao processo educativo, de modo a evidenciar de que forma essa relação pode contribuir com a Educação Básica; para a seguir, identificar de que forma essa discussão pôde ter sido materializada (ou não) nas produções e pesquisas mais recentes destinadas à educação no Brasil, de modo a passar por todas as etapas da Educação Básica; levantamento este que permitiu a construção de um caminho conceitual dessa relação, de modo a evidenciar como esta se faz presente em cada uma das etapas e como se organizam nas discussões. Por fim, apresentam-se alguns resultados e reflexões sobre os dados analisados.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS: CONCEITUANDO A AFETIVIDADE

A presente seção aborda a afetividade como um conceito central para o processo educacional, para isso, a discussão percorrerá a evolução histórica e teórica que

reposicionou a afetividade, antes vista como secundária, para um papel fundamental e inseparável do desenvolvimento cognitivo, o que tem demonstrado as emoções e os sentimentos não são meros acessórios, mas a própria base que estrutura a construção do conhecimento e as relações em sala de aula.

A análise da afetividade no contexto educacional revela uma significativa mudança de paradigma ao longo da História. Por muito tempo, o pensamento pedagógico esteve imerso em uma visão dualista que separava de forma estrita a razão da emoção, considerando a última um aspecto nebuloso e até prejudicial ao desenvolvimento intelectual (Gazzotti, 2019). Essa concepção, como apontam Silva e Ross (2019), relegou a afetividade a uma posição secundária, tratando-a como um elemento a ser controlado, em vez de compreendido e integrado ao processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, compreender o conceito de afetividade exige ir além das definições do senso comum que, frequentemente, o associam apenas a manifestações de carinho e emoções positivas. A literatura acadêmica nos mostra um panorama muito mais complexo e profundo, o qual revela a afetividade como um estado psicológico que participa ativamente da forma como o indivíduo se constitui e se relaciona com o mundo, sendo um elemento inseparável do processo de ensino-aprendizagem (Ferreira; Ribeiro, 2019). Por isso, pode-se afirmar que é um erro conceitual, tratá-la como um acessório pedagógico ou um mero facilitador do aprendizado; ela é, na verdade, parte da estrutura que permite a própria aprendizagem (Rodrigues; Poletto, 2023).

No entanto, é importante compreender a distinção entre afetividade e suas manifestações, como as emoções e os sentimentos. A afetividade é um domínio funcional, uma capacidade humana de ser afetada pelo mundo externo e interno, gerando reações que vão do prazer ao desprazer, da alegria à tristeza (Canuto, 2020), já as emoções seriam, assim, a expressão mais visível e imediata desse domínio. É importante ressaltar essa distinção, pois, de acordo com a pesquisa de Silva e Santos (2020), é comum que professores no ambiente escolar simplifiquem o entendimento de afetividade, limitando-o ao campo das emoções e dos relacionamentos. Com isso, a complexa influência da afetividade em todas as interações acaba sendo negligenciada.

Além disso, é importante destacar a indissociabilidade entre o domínio afetivo e o cognitivo, segundo Costa e Santos (2021) não é possível pensar em desenvolvimento e aprendizagem sem considerar a interação constante entre esses dois campos.

Segundo Canuto (2020), a afetividade e a inteligência formam um "par inseparável", em que a dimensão afetiva ocupa um lugar central na construção tanto pessoal quanto do conhecimento. Essa visão nos convida a repensar práticas pedagógicas que ainda priorizam o aspecto cognitivo de forma isolada, ignorando que a maneira como um aluno se sente determina seu engajamento e desenvolvimento (Canuto, 2020).

Nessa perspectiva, a afetividade ganha corpo nas relações, e o ambiente escolar torna-se um espaço privilegiado para o desenvolvimento afetivo, pois é um dos primeiros contextos em que a criança estabelece vínculos fora do núcleo familiar (Ferreira; Ribeiro, 2019). Conforme a ideia defendida por Gazzotti (2019), as relações de afeto que emergem nesse contexto (escolar) podem tanto potencializar quanto enfraquecer o processo de ensino-aprendizagem, o que reforça que a afetividade é uma condição inerente às

interações humanas, o que confere ao educador uma grande responsabilidade na maneira como manejar essa dimensão em sua prática diária. (Costa; Santos, 2021).

Por isso, há que se considerar a superação da dicotomia razão/emoção, a qual representa um avanço fundamental, permitindo que se investigue a dimensão afetiva não como um algo secundário, mas como um componente central na constituição dos sujeitos. Gazzotti (2019) aprofunda essa ideia ao explorar o conceito vygotskyano de *perezhivanie*, que pode ser entendido como a vivência emocional. Essa noção nos permite compreender como uma mesma situação objetiva é filtrada e significada de maneiras distintas por cada criança, a partir de suas emoções e de sua história. Assim, a afetividade deixa de ser apenas uma reação interna e passa a ser a própria unidade de análise da relação entre a pessoa e o meio.

Essa interdependência entre ensinar, aprender e amar é poeticamente capturada por Paulo Freire, cuja pedagogia humanista oferece uma perspectiva sensível sobre o tema. Para ele, a prática educativa é, em sua essência, um ato de amor e diálogo, uma relação que não pode prescindir do afeto para se efetivar plenamente. Conforme Freire (1996, p. 96, *apud* GIMÉNEZ *et al.*, 2021, p. 247):

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem, cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

A docência pode ser compreendida como uma prática dinâmica, que provoca inquietações e mobiliza sujeitos e saberes. Nessa direção, a afetividade configura-se como elemento central para o estabelecimento de relações pedagógicas baseadas em respeito e confiança, favorecendo a criação de um ambiente em que o estudante se sinta seguro para expressar dúvidas e construir seu próprio conhecimento. Em síntese, diferentes perspectivas teóricas convergem para a superação da dicotomia entre cognição e afeto. Assim, apreender a dimensão afetiva significa reconhecer que a aprendizagem é mediada por vínculos e que o ato de educar constitui, fundamentalmente, uma prática profundamente humana. Porém, há estudos e publicações no campo da Educação Básica que assumem essa discussão? Se sim, como ela se materializa nas propostas para cada uma das etapas que compõem essa Educação?

3. METODOLOGIA

A presente seção descreve o percurso metodológico adotado na pesquisa, a qual se caracteriza como um estudo teórico de natureza básica, fundamentado em revisão bibliográfica de abordagem qualitativa e caráter exploratório. Esse delineamento foi escolhido por permitir a sistematização e a análise crítica da produção científica recente sobre a temática investigada, contribuindo para a ampliação do referencial teórico e a compreensão aprofundada do fenômeno em estudo.

A pesquisa bibliográfica, conforme Prodanov e Freitas (2013), visa à produção de novos conhecimentos voltados ao avanço da ciência, sem aplicação prática imediata.

Como procedimento técnico, adotou-se a pesquisa bibliográfica, utilizando-se como fonte o Portal de Periódicos da CAPES³, por se tratar de uma base reconhecida pela abrangência e qualidade de seus periódicos científicos.

No primeiro momento, foram utilizados os descritores “afetividade and educação”, o que resultou em 1.134 trabalhos. Foi selecionado o recorte temporal de 2019 a 2024 e o idioma português. O recorte temporal foi estabelecido visando assegurar a atualidade e relevância dos dados.

Após a aplicação dos critérios de recorte temporal e idioma, obteve-se um total de 643 artigos. Iniciou-se, então, a segunda etapa da pesquisa, que consistiu na leitura dos títulos e resumos, com base nos critérios de inclusão previamente definidos: estudos que abordassem a relação entre afetividade e educação, especialmente no âmbito das relações escolares e/ou do processo de ensino-aprendizagem. Foram excluídos os artigos que não se referiam à Educação Básica ou que tratavam de contextos muito específicos, como educação de refugiados ou Educação a Distância (EaD).

Ademais, podemos ver na Tabela 1 a quantidade de artigos que foram selecionados para cada uma das etapas da Educação Básica, que estiveram ligados diretamente a temática da pesquisa proposta.

Tabela 1. Relação de quantidade de artigos encontrados em cada etapa da Educação Básica

Nível de ensino abordado	Quantidade de artigos
Não especificado	8
Educação Básica (geral)	4
Educação Infantil	14
Ensino Fundamental I e II	2
Ensino Médio	0
Educação de Jovens e Adultos	2

Fonte: Elaborado pela autora com base no levantamento realizado no Portal de Periódicos da Capes.

Seguindo tais critérios, foi possível chegar a seleção de 30 artigos. Constatou-se uma escassez de artigos sobre o Ensino Médio, o que motivou uma nova busca específica com os descritores “afetividade and educação and ensino médio”. O resultado obtido foi

³ <https://www.periodicos.capes.gov.br/>

de 22 artigos, e apenas um foi utilizado dessa nova busca, por estar mais relacionado a prática educativa, os demais apenas tangenciaram a temática e focaram em estudos a respeito de disciplinas específicas destinadas a esta etapa educacional.

Assim, com um resultado de 22 artigos encontrados, já com o recorte temporal e idioma selecionados, os quais foram a base para as análises e estudos aqui propostos, os quais podem ser visualizados no Quadro 1.

Quadro 1- Dados relativos ao levantamento bibliográfico no Portal de periódicos da CAPES

Título do artigo	Ano	Autores	Temas mais recorrentes	Nível de ensino	Periódico
A importância da afetividade na educação	2019	Gabriella Rossetti Ferreira e Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Afetividade vinculada ao processo de ensino aprendizagem, escola acolhedora	Não especificado	DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação
Afetividade como prática metodológica na Educação Infantil: Uma revisão narrativa	2021	Kaio Germano Sousa da Silva, Nilzete Lima Costa dos Santos, Francisca Thawanny de Souza Silva, Solange Gonçalves Nunes de Sousa, Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento, Conceição de Maria Machado Costa Primo, Saleia Soares Leitão Silva, Ranna Johara de Cunha Bacelar de Oliveira Sousa, Jânio Oliveira Lima, Marta Alves de Oliveira Silva, Marise Silva Lima de Mesquita, Apollo Habacuque dos Santos Cunha, Simone Neves Queiroz de Freitas, Christyanne de Jesus Pereira Oliveira e Karine Costa Melo	A afetividade como prática metodológica na Educação Infantil e afetividade como abordagem prática;	Educação Infantil	Research, Society and Development
A importância da afetividade na Educação Infantil	2021	Vanessa Hister	Importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil ;	Educação Infantil	Revista Acadêmica Territórios
O papel da afetividade na Educação Infantil	2021	Elenice Aparecida Arruda da Costa Silva, Rita de Cássia da Silva Mendes e Shirlene Rosana da Silva Canossa	Importância do afeto no ambiente escolar e o papel do educador;	Educação Infantil	Revista Ibero-Americana de Humanidade

					s, Ciências e Educação
Afetividade na Educação Infantil: a relação entre professor - aluno como potencialização do bem-estar e aprendizagem das crianças	2023	Isabella Ribeiro de Souza	Ações educacionais que promovem a afetividade no ambiente escolar, abordagem afetiva no cotidiano escolar como potencialização do bem-estar e aprendizagem das crianças;	Educação Infantil	Revista Eventos Pedagógicos - Universidad e do Estado de Mato Grosso
O valor de um afeto: afetividade na Educação Infantil	2021	Eliane Holzlechner Taube	Valor e auxílio do afeto no desenvolvimento;	Educação Infantil	Revista Amor Mundi
O papel fundamental da afetividade na Educação de Jovens e Adultos: uma análise da importância das relações afetivas no processo de aprendizagem e desenvolvimento	2024	Adrielle Silva, Aliny Silvano, Vitória Camila Lima de Santana e Leider Campos	Falta de afetividade e bloqueios cognitivos;	Educação de Jovens e Adultos	Revista Vox Metropolitana
Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem: A Educação Infantil na Perspectiva de Henri Wallon	2020	Amanda Sheyla Dos Santos e Cícera Alves Nunes Lopes	A importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem, fazendo uma ponte à perspectiva de Henri Wallon, efeito da afetividade nas relações presentes na vida escolar;	Educação Infantil	ID on line. Revista de psicologia
A afetividade na educação como proposta para o sucesso da aprendizagem:	2023	Angelina Martins Baruffi, João Marcelo Rondina, Elizabeth Abelama Sena Somera e Maysa Alahmar Bianchin	Possibilidades de atuação para os educadores e psicopedagogos para tornarem a aprendizagem significativa e afetiva;	Não especificado	Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales



proposições aos docentes e psicopedagogos para efetivar direitos dos educandos e dignidade humana					
Relação professor-aluno: A importância da afetividade na educação	2024	Thais Elides Trierweiler	Afeto na relação professor e aluno;	Não especificado	Revista Contemporânea
Ensino com afetividade na Educação Infantil, dentro das concepções de aprendizagem: da pedagogia tradicional à pedagogia libertadora	2019	Hildegard R. Oliveira, Ana Claudia Xavier da Silva e Celene S. Azevedo	Possíveis consequências da falta da afetividade no ambiente escolar	Educação Infantil	Revista Inclusiones
Processo de afetividade e aprendizagem na Educação Infantil: o contexto de uma Creche do Nordeste Paraense	2023	Izabelly Karolyna Dantas de Souza, Gabrielle de Nazaré Falcão da Silva, Joana Darte Sousa Piedade, Wanessa Nogueira Silva, Lediane Aranha Nascimento Alves, Diane Souza Saldanha, Ana Paula Araújo Ramos, Iracely Rodrigues da Silva, Deyvison Luz Santos e Jones Souza Moraes	Importância da afetividade no contexto escolar	Educação Infantil	Research, Society and Development
A afetividade na relação professor-aluno: Alicerces para a aprendizagem significativa	2021	Maria dos Santos Guimarães e Cilene Maria Lima Antunes Maciel	Afetividade como impulsionadora da relação professor-aluno para a aprendizagem significativa;	Educação Básica	Research, Society and Development
A afetividade nos anos iniciais da educação básica:	2020	Gilma Helena Souza, Thatiany De Paula e Marcos Venício Esper	Afetividade como contribuição para a formação integral das crianças;	Anos iniciais da Educação Básica	Revista Destaques Acadêmicos



Revisão de literatura					
Narrativa: conhecimento e afetividade em classe de Educação de Jovens e Adultos	2022	Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo	Inter-relação afetividade, conhecimentos escolares e desenvolvimento cognitivo em uma sala de aula EJA;	Educação de Jovens e Adultos	Acta Scientiarum, Education
Reflexões acerca da afetividade na relação professor-aluno	2024	Lucas Vieira, Inauã Weirich Ribeiro, Lauren Waiss da Rosa e Fernanda Rocha da Trindade	Conexão professor-aluno;	Não especificado	Revista Caderno Pedagógico
A importância da afetividade entre professor e aluno na Educação Infantil: como a afetividade pode influenciar no processo da aprendizagem e no desenvolvimento integral da criança, sob a teoria de Henri Wallon	2023	Álvaro Martins Fernandes, Franciele Prado Toalhari Endo e Siderly do Carmo Dahle de Almeida	Influência da afetividade no processo da aprendizagem e no desenvolvimento integral da criança, sob a teoria de Henri Wallon;	Educação Infantil	Revista Interdisciplinar de Humanidades
A influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem na educação básica	2023	Helaine Fernanda Sper, Cláudia Ramos de Souza Bonfim, Tiago Silvio Dedoné e Camila Domingues Venturino	Importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem na educação básica e compreensão do impacto de conexões emocionais na relação professor-aluno	Educação Básica	Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento
Afetividade na prática do professor na escola da infância	2021	Denise D' Auria-Tardeli e Vanessa Takigami Alves	Conceito e compreensão da afetividade na prática pedagógica do professor da Educação Infantil;	Educação Infantil	Revista Práxis

Uma análise crítica do campo de experiência o eu, o outro e o nós proposto pela BNCC (2017): A ausência da afetividade como uma prática de cuidado para a Educação Infantil	2020	Keity Elen da Silva Melo, Vanessa Maria Costa Bezerra Silva, Lillian Franciele Silva Ferreira e Ana Carolina Beltrão Peixoto	Análise crítica do campo de experiência “o eu, o outro e o nós”, buscando enfatizar se o ato da afetividade se faz presente nos objetivos propostos deste campo de experiência;	Educação Infantil	Revista de Estudos Aplicados em Educação (REAE)
Afetividade no processo de ensino-aprendizagem	2022	Dineuza Neves da Silva e Luciete Bastos	Contribuições da afetividade para as relações entre educador e educando;	Não especificado	Revista Debates em Educação
Afetividade percebida e sentida: Representações de alunos do Ensino Fundamental	2019	Andréia Osti e Elvira Cristina Martins Tassoni	Afetos vividos por alunos no ambiente escolar;	Ensino Fundamental	Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas

Fonte: Elaborado pela autora com base no levantamento realizado no Portal de Periódicos da Capes.

Assim, as produções foram sistematizadas e agrupadas em três grandes eixos temáticos: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio; e Educação de Jovens e Adultos. Optou-se por essa organização a priori, como forma de evidenciar nos estudos e pesquisas publicados como o conceito de afetividade, bem como sua relação à prática pedagógica é fundamentado em cada uma das etapas da Educação Básica e de que forma o mesmo, é justificado como parte (ou não) do processo de ensino e aprendizagem.

4. AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Com base no levantamento bibliográfico, esta seção se aprofunda na análise dos artigos selecionados para discutir o papel da afetividade na Educação Básica. A discussão será organizada por etapas de ensino, começando pela Educação Infantil, que concentra a maior parte da produção acadêmica recente. O objetivo é tecer um panorama que revele as nuances e a relevância da dimensão afetiva em cada fase do percurso educacional, o que nos traz pistas sobre as possíveis lacunas presentes nessa relação (afetividade e educação), bem como demonstra a forma com que essa se materializa em cada uma das etapas apresentadas.

4.1 A Afetividade no Contexto da Educação Infantil

Nesta subseção, a análise se aprofunda na temática da afetividade especificamente no contexto da Educação Infantil. Os artigos apontam para a importância de se repensar a educação infantil, o que exige um olhar sensível para além dos conteúdos e das metodologias, mas na consideração de ações que tenham como base a afetividade, sobre a qual a aprendizagem se constrói (Ferreira; Ribeiro, 2019; Santos; Lopes, 2020).

Ainda segundo Santos e Lopes (2020), a escola, sendo o primeiro grande espaço social da criança fora do núcleo familiar, carrega a imensa responsabilidade de ser um ambiente acolhedor, onde a segurança emocional precede a aquisição de conhecimento formal. Constata-se que a afetividade transcende a mera demonstração de carinho, configurando-se como um pilar fundamental para o desenvolvimento integral da criança. A postura do professor, o seu tom de voz e a sua capacidade de escuta são os instrumentos que tecem a teia afetiva da sala de aula.

Dessa maneira, a afetividade transcende a mera espontaneidade das relações interpessoais e se consolida como uma competência pedagógica. Para Taube (2021), a construção de um ambiente afetivo não decorre apenas da personalidade do educador, mas de uma intencionalidade educativa que se materializa em suas escolhas e práticas diárias. É o professor que, de forma consciente, planeja e estrutura situações que promovem a segurança, o acolhimento e o respeito mútuo, transformando a sala de aula em um espaço de bem-estar e crescimento (Taube, 2021).

Porém, há que se considerar que a afetividade, quando intencionalmente cultivada pelo professor, não se limita a gestos de carinho, se manifesta de múltiplas formas, na organização do espaço, na escolha dos materiais e na mediação de conflitos, criando um ambiente onde a criança se sente segura para explorar, questionar e aprender (Tardeli; Alves, 2022). Essa postura afetiva do docente é importante para fortalecer o vínculo criança-professor, um elo que impulsiona a autoestima e a confiança da criança, elementos indispensáveis para um desenvolvimento saudável e uma aprendizagem significativa.

Consoante com isso, Silva E. *et al.* (2021) explica que a vida afetiva e a vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas, pois todo intercâmbio com o meio pressupõe estruturação e valorização. Para os autores, não se pode raciocinar sem vivenciar certos sentimentos, e não existem afeições sem um mínimo de compreensão. Essa visão fragmentada do desenvolvimento infantil ignora que as emoções são a energia que move o interesse e a curiosidade, sem as quais a aprendizagem se torna um processo mecânico e pouco significativo.

De acordo com Souza (2023), é muito importante que a pedagogia afetiva ganhe destaque, valorizando as amizades, o carinho, a socialização, o respeito e a solidariedade, elementos que humanizam o processo educativo e contribuem para a formação de indivíduos mais seguros e empáticos. Repensar a dinâmica do espaço e das relações em um campo afetivo e solidário pode trazer resultados mais promissores, superando a ideia de que a afetividade é um aspecto "natural" que não necessita de planejamento ou inserção curricular (Tardeli; Alves, 2022).

Nesse contexto, a figura do professor emerge como um mediador essencial.

Conforme Santos e Lopes (2020), a conexão entre afeto e cognição é inseparável, isto porque a emoção precede a lógica e nutrir o campo afetivo é fortalecer as bases para o desenvolvimento cognitivo. Como destacam os autores:

O afeto positivo é fundamental no decorrer de toda a vida do ser humano, principalmente na Educação Infantil, fase inicial da vida escolar é importante que a base seja construída de forma positiva, fazendo com que a criança se sinta segura para interagir, aprender e perceber o mundo à sua volta. Segundo estudiosos do desenvolvimento humano o que se aprende com emoção jamais se esquece. (SANTOS; LOPES, 2020, p. 535).

Essa construção afetiva, contudo, não é uma responsabilidade exclusiva do professor. A parceria entre a família e a escola é fundamental para que a criança se desenvolva de maneira plena, aspectos esses exaltados nos estudos de Hister (2021). Quando a escola e a família caminham em harmonia, cria-se um ambiente de segurança e coerência que potencializa a aprendizagem. Apesar de sua importância evidente, a afetividade ainda enfrenta desafios para ser plenamente reconhecida. Bittencourt e Silveira (2018, p. 1) apontam problemas que contribuem para a banalização da educação e dos valores:

Nas últimas décadas temos problemas diversos que tem contribuído para a banalização da educação e dos valores a ela agregados, tais como: desestruturação das famílias, políticas públicas insuficientes, desvalorização profissional, jornadas duplas, falta de motivação dos profissionais e dos alunos que não consideram a escola atrativa.

Em suma, a discussão sobre a afetividade na educação infantil é um convite para humanizar o processo educativo. É reconhecer que antes de aprendizes, temos em sala de aula crianças em pleno processo de formação como seres humanos, que sentem e desejam. Uma prática pedagógica que acolhe a dimensão afetiva não apenas facilita a aprendizagem de conteúdos, mas contribui para a formação de indivíduos mais seguros e empático, discussões essas que perpassam pelos artigos destinados a discutir à afetividade na Educação Infantil e que, demonstram, uma ênfase maior nesse processo com as crianças pequenas, como condição para o desenvolvimento e perpetuação do processo de ensino-aprendizagem nesta etapa. Porém, a discussão no Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, mesmo enviando essa proposta, torna-se um pouco mais adjacente, como poderemos ver a seguir.

4.2 A afetividade no contexto do Ensino Fundamental I e II e do Ensino Médio

A relação estabelecida entre professor e aluno é um dos elementos centrais do processo educativo, e a afetividade emerge como uma dimensão indissociável dessa interação, ainda é algo que se faz presente nas discussões sobre essas etapas da Educação Básica.

No Ensino Fundamental, especialmente nos anos iniciais (ciclo I), a presença de um vínculo afetivo positivo com o professor mostra-se indispensável. A pesquisa de Silva

(2021) evidencia que as professoras percebem a afetividade como um alicerce que permite às crianças sentirem-se seguras para explorar o conhecimento.

Aprofundando a análise, percebe-se que as experiências afetivas na escola não são homogêneas e podem variar significativamente conforme o gênero. Os achados de Osti e Tassoni (2019) são particularmente reveladores ao apontarem que dependendo do gênero a tenência a processar as emoções ocorre de maneiras distintas no contexto escolar. Nesse contexto, a qualidade da mediação pedagógica torna-se crucial. A pesquisa de Osti e Tassoni (2019), assim, reforça que os sentimentos produzidos na dinâmica da sala de aula marcam significativamente a relação do aluno com o objeto de conhecimento. Quando o estudante percebe no professor uma postura de escuta e respeito, cria-se uma 'afetividade cognitiva' que flui livremente; por outro lado, interações pautadas na ironia ou no desinteresse docente podem gerar bloqueios emocionais que desorganizam os processos cognitivos, afastando o aluno do aprendizado e, muitas vezes, da própria escola.

Essa distinção nos convida a uma reflexão sensível sobre como as dinâmicas de sala de aula e as interações com os professores podem estar sendo vivenciadas de formas diferentes, reforçando padrões sociais e impactando de modo particular a relação de cada estudante consigo mesmo e com o aprendizado.

Ao avançarmos para o Ensino Médio, a dinâmica da afetividade se transforma, mas sua importância permanece. Nessa etapa, marcada pelas pressões para o vestibular e por uma rotina de estudos mais exigente, a relação professor-aluno é frequentemente vista sob uma ótica mais pragmática.

No entanto, o estudo de Chaves (2023), fica evidente, portanto, que a postura do professor e suas escolhas pedagógicas são potentes mediadoras das emoções em sala de aula. Como afirmam Osti e Tassoni (2019, p. 217):

Os sentimentos e emoções produzidos na dinâmica interativa da sala de aula marcaram de maneira significativa a relação dos alunos com o objeto de conhecimento. [...] condições afetivas positivas contribuem para que a atividade cognitiva flua livremente. O contrário disso também é verdadeiro. Ou seja, condições afetivas negativas desorganizam os processos cognitivos.

Diante do exposto, nota-se que a forma como um educador se relaciona com os alunos, corrige uma atividade ou apresenta um novo tema possui o poder de aproximar ou afastar o estudante do conhecimento. A afetividade não deve ser compreendida como um componente adicional ou opcional, mas como algo que se materializa na própria prática docente cotidiana, exercendo influência direta e mensurável sobre os processos cognitivos e o engajamento dos jovens.

Apesar da reconhecida relevância do tema, a análise bibliográfica revelou que a afetividade ainda ocupa um espaço marginal nas pesquisas quando o foco se desloca para os anos finais da escolarização. Essa lacuna reflete uma cultura educacional que, historicamente, enxerga o Ensino Médio apenas como etapa propedêutica, voltada quase exclusivamente para resultados em exames. Essa lógica resulta em políticas que negligenciam a formação integral em favor de métricas de desempenho, gerando ambientes impessoais que podem corroborar para o desinteresse e os índices de evasão.

4.3 A afetividade na Educação de Jovens e Adultos

Compreender a Educação de Jovens e Adultos (EJA) exige um olhar que ultrapassa a ideia de uma simples reposição de estudos. Adentrar este espaço pedagógico é encontrar sujeitos com histórias de vida complexas, marcadas pelo trabalho e, não raro, por experiências escolares anteriores de exclusão. Portanto, a construção do conhecimento se dá em uma teia de relações onde sentimentos, memórias e expectativas se encontram, tornando o ambiente de sala de aula um campo fértil ou estéril, a depender da qualidade dos vínculos ali estabelecidos. O papel do educador é o de um mediador sensível que compreende a importância da construção de um vínculo afetivo positivo. A afetividade se manifesta na “disposição à escuta por parte dos professores, possibilitando as diversas manifestações de seus alunos e considerando seus contextos históricos e culturais” (Fernandes; Bandeira; Alvarenga, 2021, p. 64).

É fundamental considerar, ainda, as barreiras estruturais que esses estudantes enfrentam. A literatura aponta que o público da EJA lida com a heterogeneidade de idades e trajetórias, além de duplas ou triplas jornadas de trabalho que resultam em cansaço físico e mental ao chegarem à escola. Diante desse cenário de precariedade e pressão, a afetividade não funciona apenas como um elemento de socialização, mas como um fator de permanência estudantil. Um ambiente escolar acolhedor, que compreenda essas especificidades sem infantilizar o aluno, é determinante para evitar a evasão e ressignificar experiências anteriores de fracasso escolar.

Em contrapartida, a ausência de uma prática pedagógica que valorize a afetividade pode gerar profundas barreiras no processo de aprendizagem. A narrativa de Falabelo (2022) sobre a aluna D. Maria José ilustra de forma tocante as consequências de um método mecânico e desprovido de significado. Submetida a uma rotina de repetição de letras que não se conectam com seu mundo, a estudante experimenta a frustração, o sofrimento e o silêncio. Seu isolamento não é reflexo de incapacidade, mas sim sintoma de uma relação pedagógica que a ignora como sujeito. Conforme o autor, “o afetivo, nessa relação com a leitura e a escrita, revela-se no seu lado mais doloroso: é emoção em sofrimento” (Falabelo, 2022, p. 7). Para elucidar essa questão, Fernandes, Bandeira e Alvarenga (2021) recorrem ao pensamento de Paulo Freire:

É impossível ensinar sem esta coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar [...]. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. (FREIRE, 1997, p. 10 *apud* FERNANDES; BANDEIRA; ALVARENGA, 2021, p. 65).

Essa coragem de “querer bem” se traduz em uma prática que reconhece a inteireza do ser humano, compreendendo que aprendemos com a razão e também com a emoção. É uma postura que combate a burocratização da mente e se posiciona firmemente contra o cinismo, reafirmando o compromisso do educador com a transformação de seus alunos e da sociedade. Ao promover uma relação baseada na empatia e no respeito, o educador fomenta a autonomia do estudante, permitindo que ele se enxergue como agente capaz de

transformar sua própria realidade.

Dessa forma, a afetividade na EJA assume um caráter político e libertador. Ao romper com a lógica bancária de ensino — onde o aluno é visto apenas como um receptáculo passivo —, a pedagogia do afeto convida o estudante a ser protagonista de sua própria história. Fernandes, Bandeira e Alvarenga (2021) destacam que essa postura amorosa e dialógica é o que permite a construção da autonomia e da consciência crítica, transformando a sala de aula em um espaço onde a 'coragem de querer bem' supera a burocratização do ensino e humaniza as relações entre quem ensina e quem aprende.

Conclui-se que a implementação de uma educação afetiva na EJA enfrenta obstáculos significativos, desde a precarização do trabalho docente até a pressão pelo cumprimento de currículos engessados. No entanto, superar esses desafios e construir uma pedagogia do afeto é, acima de tudo, um ato de resistência pedagógica. Trata-se de um compromisso ético fundamental com o direito a uma educação que não apenas instrua, mas que verdadeiramente emancipe e humanize o sujeito em todas as suas dimensões.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possuiu como objetivo geral identificar se há a discussão sobre a afetividade nas produções bibliográficas mais recentes sobre a Educação Básica, e se sim, quais seriam esses conceitos. A problematização que orientou o estudo obteve respostas que indicam uma conexão indissociável entre o sentir e o aprender. A análise revelou que, embora a discussão seja mais robusta na Educação Infantil, sua relevância se estende por todas as etapas de ensino da Educação Básica, demonstrando esta como um elemento constituinte do desenvolvimento e do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Um dos achados mais sensíveis foi constatar a escassez de estudos sobre a afetividade nos anos finais da educação básica. Isso evidencia que, independentemente da idade, a maneira como o aluno se sente no ambiente escolar tem um efeito direto em sua disposição para aprender. A figura do professor transcende a de um simples mediador de conteúdos; ele se revelou um verdadeiro "escultor de sensibilidades", cujas atitudes moldam a atmosfera emocional da sala de aula.

Portanto, este estudo permitiu refletir sobre a persistente dicotomia entre razão e emoção. Superar essa visão fragmentada é um convite para que as práticas em sala de aula considerem o estudante em sua totalidade. Responder à questão inicial sobre os conceitos da afetividade ao longo da Educação Básica, levou à compreensão de que suas implicações são profundas, influenciando desde o bem-estar emocional até o desempenho acadêmico. Espera-se que esta revisão possa inspirar educadores a cultivarem em suas práticas diárias o afeto, o cuidado e o respeito, elementos que transformam a educação em um verdadeiro ato de amor e esperança.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristiane Queiroz de. A afetividade na educação infantil. **Revista Territórios**, v. 3, n. 6, p. 52-62, jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BITTENCOURT, Erineia Martins Valadares; SILVEIRA, Herica Santos Molon. A afetividade como instrumento de aprendizagem e como facilitador da relação professor/aluno na educação infantil. **Minerva Magazine of Science**, 2018.

CANUTO, N. O. **Wallon: afetividade no desenvolvimento da criança**. 2020. Monografia (Graduação em Pedagogia) – PUC Goiás, Goiânia, 2020.

CHAVES, A. da S. *et al.* A afetividade na relação professor-aluno no ensino médio. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 7, p. 1888-1896, jul. 2023.

COSTA, H. C. L. C.; SANTOS, J. C. da C. A relevância da afetividade no processo de aprendizagem. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 55, p. 218-227, 2021.

D'AURIA-TARDELI, D.; ALVES, V. T. Afetividade na prática do professor na escola da infância. **Revista Práxis**, v. 19, n. 1, p. 55-78, jan./abr. 2022.

FALABELO, Raimundo Nonato de Oliveira. Narrativa: conhecimento e afetividade em classe de educação de jovens e adultos. **Acta Scientiarum. Education**, v. 44, 2022.

FERNANDES, M. V. R. *et al.* Dialogicidade e afetividade como princípios para uma educação libertadora na EJA. **Revista Educação e Ciências Sociais**, v. 4, n. 7, p. 56–70, 2021.

FERREIRA, Gabriella Rossetti; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A importância da afetividade na educação. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 21, n. 1, p. 88-103, 2019.

GAZZOTTI, D. **Afetividade, emoção e vínculo nas relações escolares**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar) – Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2019.

GIMÉNEZ, M. B. *et al.* Afetividade na educação infantil: um estudo de caso à luz de Paulo Freire, Piaget e Wallon. **Humanidades & tecnologia (FINOM)**, v. 32, p. 245-258, 2021.

HISTER, Vanessa Andrea Orsati Rodrigues. A importância da afetividade na educação infantil. **Revista Territórios**, v. 3, n. 7, p. 457-466, jul. 2021.

MELO, Keity Elen da Silva *et al.* Uma análise crítica do campo de experiência o eu, o outro e o nós proposto pela BNCC (2017). **REAE - Revista de Estudos Aplicados em Educação**, v. 5, n. 9, p. 70-85, 2020.

OSTI, A.; TASSONI, E. C. M. Afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 174, p. 204-220,

out./dez. 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, S. F.; POLETO, L. Relação professor aluno: a importância da afetividade no ambiente escolar. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**, v. 9, n. 1, p. 119-132, 2023.

SANTOS, Amanda Sheyla dos; LOPES, Cicera Alves Nunes. Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem: A Educação Infantil na Perspectiva de Henri Wallon. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 14, n. 52, p. 525-540, 2020.

SILVA, E. A. A. da C. *et al.* O papel da afetividade na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 11, p. 1724-1738, nov. 2021.

SILVA, R. B. da. A afetividade no processo de ensino e aprendizagem no primeiro ano do ensino fundamental. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Ano 06, Ed. 10, v. 8, p. 05-16, out. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **Construção do pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.